C I A J G

centro internacional das artes
josé de guimarães

02.2024 › 04.2024

Terra Estreita

Benji Boyadgian, Bisan Abu Eisheh,
Emily Jacir, Jean-Luc Moulène,
Larissa Sansour, Taysir Batniji,
Ryuichi Hirokawa, Yazan Khalili

›Pressing Land

Dayana Lucas

Cifra

José de Guimarães e Artes Africanas, Pré-Colombianas e Antigas Chinesas

Heteróclitos: 1128 objetos

José de Guimarães and African,
Pre-Columbian and Ancient Chinese Arts
›Heteroclites: 1128 objects

José de Guimarães

Doação de José de Guimarães à
Câmara Municipal de Guimarães
›Donation by José de Guimarães to the Guimarães City Council

Mapeamento das Paredes
da Cidade de Lisboa, 1975
›Mapping the Walls of the City of Lisbon, 1975

25TH . 50 ANOS 25 ABRIL . 50 YEARS APRIL

Vista da exposição
Sala 6 e 7
Arte Perturbadora

Exhibition View
Room 6 and 7
Disturbing Art

©Vasco Célio / Stills

Vista da exposição
Sala 2

Exhibition View
Room 2

©Vasco Célio / Stills

José de Guimarães e Artes Africanas, Pré-Colombianas e Antigas Chinesas

Heteróclitos: 1128 objetos

O acervo do CIAJG é composto por 1128 objetos de artes africanas, pré-colombianas, chinesas e obras do artista português José de Guimarães. "Heteróclitos: 1128 objetos" é uma exposição-ensaio que mostra a totalidade deste acervo e que reflete sobre as relações entre linguagem, sujeitos, história e política. A crise dos objetos e das suas representações, que fricciona constantemente com o nosso quotidiano, identidades e heranças, é aqui encenada através de uma coleção que, sob um mesmo gesto aglutinador, reúne acervos ditos "extra-europeus" e arte contemporânea, peças artísticas e religiosas, materiais provenientes de várias geografias e culturas do mundo. Como mostrar a sua natureza fractal sem encenar as estruturas de poder e de posse habituais? Como coreografar o caráter polifónico (com muitas vozes) desta coleção?

Enquanto proposta curatorial, "Heteróclitos: 1128 objetos" articula-se como um espaço de experimentação inesgotável, em que natureza enigmática e crítica da arte possui o seu próprio infinito. A exposição, que ocupa a totalidade do primeiro piso do CIAJG, tem uma montagem experimental, procurando fluidez entre as "reservas" e as salas de exposição, entre o "trânsito" e o "tempo" dos objetos. Diz-se *heteróclito* do que é excêntrico, irregular, fora do comum, ou seja, diz-se *heteróclito* de um acervo construído a partir daquilo que é dissonante entre si, mas que faz do desacordo um espaço de hospitalidade. Heteróclito é uma palavra de ordem para imaginar o futuro.

Vista da exposição
Sala 5

Exhibition View
Room 5

©Vasco Célio / Stills

José de Guimarães and African, Pre-Columbian and Ancient Chinese Arts

Heteroclites: 1128 objects

The CIAJG's collection consists of 1128 objects of African, pre-Columbian and ancient Chinese art, and works by the artist José de Guimarães. Heteroclites: 1128 objects is an exhibition essay that reveals the entire collection, highlighting a debate between language, objects, subjects and politics. The crisis of objects and their representations, which constantly influences our daily lives, identities and heritages, is explored on the basis of a collection that, under the same unifying gesture, brings together so-called "extra-European" collections and contemporary art, artworks and religious items, different materials from various places and cultures of the world. How can we reveal the collection's fractal nature without staging the usual ownership and power structures? How can we choreograph the polyphonic nature of this collection (i.e. reflecting many voices)?
As a curatorial proposal, "Heteroclites: 1128 objects" is articulated as a space that enables endless experimentation, in which the enigmatic and critical nature of art has its own infinite dimension. The exhibition, which occupies the entire first floor of the CIAJG, has an experimental design, seeking fluidity between the "reserves" and the exhibition rooms, between the "transit" and "time" of objects. Heteroclite means that which is eccentric, irregular, out of the ordinary. A collection is said to be heteroclite when it is built from dissonant elements, but which transforms this sense of disaccord into a space of hospitality. Heteroclite is a watchword for imagining the future.

Curadoria > Curator
Marta Mestre

Arquitetura > Architecture
André Tavares, Ivo Poças Martins

Design
Macedo e Cannatà

Exposição
Permanente

Permanent
Exhibition

Alfabeto Africano

African Alphabet

O Alfabeto Africano é um dos trabalhos mais emblemáticos de José de Guimarães. Trata-se de um projeto de osmose da arte europeia e africana, que reforça a importância do símbolo como elemento articulador entre a arte e todas as outras dimensões da existência humana, compreendendo o seu papel na transmissão cultural.

Os ideogramas, a utilização dos signos ou as silhuetas, traduzidas em negativo, aproximam o artista tanto das tradições africanas, em especial aquelas do território correspondente ao antigo e influente reino de Ngoyo (noroeste de Angola), quanto do vocabulário internacional da arte *Pop*.

O período angolano despertou o interesse de José de Guimarães pelas culturas materiais e imateriais autóctones. Em Angola adquiriu um pequeno conjunto de peças de artesanato que hoje pertence à Sociedade Martins Sarmento (Guimarães). Mais tarde, dos anos 80 em diante, inicia a coleção que se encontra parcialmente exposta no CIAJG, comprando diretamente nos mercados europeus especializados em artes africanas, pré-colombianas e chinesas.

The African Alphabet is one of the most emblematic works by José de Guimarães. It is a project that fosters osmosis between European and African art, and reinforces the importance of the symbol as an articulating element between art and other dimensions of human existence, helping us understand its role in cultural transmission.
The use of ideograms, signs or silhouettes, translated into their negative version, bring the artist closer to African traditions, especially those linked to the former territory of the ancient and influential kingdom of Ngoyo (northwest Angola), and also to the international vocabulary of Pop art.
José de Guimarães became interested in indigenous material and immaterial cultures while he lived in Angola, where he acquired a small set of handicrafts that today belongs to the Sociedade Martins Sarmento (Guimarães). Later, from the 1980s onwards, he started the collection that is partially exhibited at the CIAJG, buying objects directly in European markets that specialise in African, pre-Columbian and Chinese arts.

Arte Perturbadora

Disturbing Art

Os sete anos que viveu em Angola – primeiro entre 1967 e 1969 e posteriormente entre 1970 e 1974 –, no contexto da guerra colonial, despertaram em José de Guimarães o interesse sobre formas culturais situadas nos antípodas da sua visão de europeu. Às viagens que realiza pelo vasto território angolano, acrescenta leituras sobre antropologia e etnografia que lhe permitem descodificar, ainda que parcialmente, o pensamento mágico expresso nas festividades e rituais que presencia, especialmente junto dos povos "tchokwe" ou "quiocos".

Em Angola desenvolve uma linguagem *pop* e sincrética que renova os códigos da pintura da época. É também do "período angolano" o seu manifesto *Arte Perturbadora* (1968), em sintonia com o desenrolar dos acontecimentos que levaram à "Revolução dos Cravos" (1974). José de Guimarães nunca mais regressará a África, muito embora a experiência tenha sido decisiva para a construção do seu projeto artístico, assim como da sua coleção, posteriormente adquirida.

José de Guimarães spent seven years in Angola – firstly between 1967 and 1969 and subsequently between 1970 and 1974 –, during the colonial war. This experience sparked his interest in cultural forms situated at the opposite ends of his vision as a European. His trips through the vast Angolan territory were complemented by studying anthropological and ethnographic texts, that allowed him to decode, albeit partially, the magical thinking expressed in the festivities and rituals that he witnessed, especially among the "tchokwe" or "kioko" peoples.
In Angola he developed a pop and syncretic language that renewed the codes of painting at the time. His manifesto *Arte Perturbadora* (Disturbing Art) (1968) is also from the "Angolan period", during the build-up to Portugal's 1974 "Carnation Revolution". José de Guimarães never returned to Africa, but his experience there had a decisive impact on the construction of his artistic project and his collection, that he subsequently acquired.

José de Guimarães (Guimarães, 1939) vive e trabalha, desde 1995, entre Lisboa e Paris. Se a primeira década de produção artística se baseia nos contatos com África, nos mais de cinquenta anos de trabalho encontram-se séries completas dedicadas às culturas chinesa e japonesa, à arte de Rubens, à literatura de Camões ou à conceção particular da morte no México. Nos últimos anos, o trabalho de José de Guimarães reflete uma vocação de formas e figuras tendencialmente cosmopolita, sobretudo com trabalhos em caixas de madeira, que propõem um exterior de austeridade contrastante com a encenação do seu espaço interior, tratado com traços luminosos, pintura, colagens e objetos desviados do sentido que lhes é conferido pela sua função tradicional. Tendo realizado numerosas exposições em vários países, e, para além de exposições antológicas anteriores realizadas em Bruxelas no Palais des Beaux-Arts (1984), no Museu de Arte Moderna (Cidade do México, 1987), na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, e na Fundação Serralves, Porto (1992), na última década, viu serem-lhe dedicadas várias exposições antológicas ou retrospetivas em Portugal, na Alemanha, em Tóquio, na Suíça, no Brasil, Espanha, Luanda, etc. Em 2012, é eleito Presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes. No Centro Internacional das Artes José de Guimarães, participou em numerosas exposições e remontagens das coleções, pertença do artista, e que aí se depositam em comodato. Inaugurou em Shanghai dois conjuntos de arte pública intitulados "Gates" e "Cylinder Building". Recentemente, em 2020, inaugurou no Würth Haus Rorschach, Suíça, a exposição "José de Guimarães, Von Künstler zum Anthropologen ", e "Dioramas", na Ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Lisboa. O seu trabalho, representado nas mais relevantes coleções institucionais em Portugal e um pouco por todo o mundo, com especial incidência no Japão e Alemanha. A sua obra propõe cruzamentos com a arte de civilizações não ocidentais – africana, chinesa e meso-americana – numa busca incessante de relações não verbais, a que não é estranha a atividade de colecionador a que se vem dedicando há várias décadas.

José de Guimarães (Guimarães, 1939) lives and works between Lisbon and Paris, since 1995. Whereas the first decade of his artistic production was based on contacts with Africa, in his more than fifty years of work there are complete series dedicated to Chinese and Japanese culture, the art of Rubens, the literature of Camões or the distinctive conception of death in Mexico. Over recent years, José de Guimarães' works reflect a vocation of forms and figures that tend to be cosmopolitan, especially with works in wooden boxes, which propose an exterior of austerity that contrasts with the staging of its interior space, treated with luminous lines, painting, collages and objects, deviated from the meaning given to them by their traditional function. He has held numerous exhibitions in several countries. In addition to previous anthological exhibitions held in Brussels at the Palais des Beaux-Arts (1984), at the Museum of Modern Art (Mexico City, 1987), at the Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon, and at the Serralves Foundation, Porto (1992), several anthological or retrospective exhibitions have been dedicated to him over the last decade, in Portugal, Germany, Tokyo, Switzerland, Brazil, Spain, Luanda, etc. In 2012, he was elected President of the Sociedade Nacional de Belas Artes (Portuguese Society of Fine Arts). At the José de Guimarães International Centre for the Arts, he has participated in numerous exhibitions and re-assemblies of the artist's personal collections, which have been deposited in the CIAJG on loan. He inaugurated two sets of public art in Shanghai entitled "Gates" and "Cylinder Building". In 2020, he inaugurated the exhibition "José de Guimarães, Von Künstler zum Anthropologen" in the Würth Haus Rorschach, Switzerland and "Dioramas", in the Ermida de Nossa Senhora da Conceição, in Lisbon. His work is represented in the most important institutional collections in Portugal and around the world, with a special focus on Japan and Germany, proposing intersections with the art of non-Western civilizations – African, Chinese and Meso-American – in an incessant search for non-verbal relationships, influenced by his own activity as a dedicated collector over several decades.

Crânios e Cronos

Craniums and Kronos

O crânio (e a máscara) é um elemento representado em toda a obra de José de Guimarães. Encontramo-lo no desenho e na pintura, especialmente relacionada à série México, sobre a "dança dos mortos".

Nas conceções de tempo ocidentais, o crânio é o símbolo da finitude da vida (do latim "memento mori", *lembre-se que morrerá*) e está relacionado a uma temporalidade linear. Mas para várias outras culturas no mundo, existem múltiplas temporalidades, noções de tempos espiralares e expansivos que não podem ser quantificados em cronologias. Para os Gregos *Cronos* significava o tempo inexorável, mas *Kairós* era o momento indeterminado em que algo especial acontece: a experiência do momento oportuno. Já nas sociedades pré-colombianas dos Andes, os "quipus" (ou sistema de "nós") eram arquivos portáteis de narrações – genealogias, contabilidade, historias, poemas – que marcavam o tempo da comunidade.

Como convocar várias temporalidades para o museu? Como restituir a temporalidade específica dos objetos que aqui se guardam, sabendo que a perceção do tempo pode moldar valores e apreciações sobre os objetos e os sujeitos que os produziram?

The skull/cranium (and mask) is an element represented in José de Guimarães' entire oeuvre. We find it in his drawings and paintings, especially related to his Mexico series, in the dance of the dead.

In Western conceptions of time, the skull is the symbol of the finitude of life (from the Latin phrase, "memento mori", remember that you will die), related to linear temporality. But for many other cultures in the world, there are multiple temporalities, concepts of spiralling and expansive time, that cannot be quantified in chronologies. For the Greeks Kronos meant inexorable time, but Kairos was the indeterminate moment in which something special happens: the experience of the opportune moment. In pre-Columbian Andean societies, the "quipus" (or system of "knots") were portable archives of different narrations – genealogies, accounts, stories, poems – that marked the time of the community.

How can we convene various temporalities for the museum? How can we restore the specific temporality of the objects that are stored here, knowing that the perception of time can shape values and appreciations about the objects and the subjects that have produced them?

Sala das Máscaras. Avesso

Masks Room. Inversion

Nesta sala inverte-se a orientação dos suportes, uma rotação subtil que altera profundamente a perceção das máscaras expostas. Este gesto temporário coloca em evidência a frente e o verso, e convida a que a nossa atenção recaia nos suportes – inspirados nos "cavaletes de cristal" da arquiteta Lina Bo Bardi –, e nas legendas que classificam cada um dos quarenta objetos.

Dada a sua complexidade e proveniências muito distintas entre si, que o epíteto "África Subsariana" procura unificar sem conseguir, estas máscaras colocam o problema do conhecimento sobre este tipo de objetos. Reportam-se a rituais complexos que devem ser mantidos secretos, e que os saberes científicos (a antropologia, a história da arte, etc.) têm dificuldade em traduzir, incorrendo no risco de simplificação.

Sob o véu da sua harmoniosa "êxtase", as máscaras que aqui vemos são um espelho antropológico que, a pretexto de falar dos "outros", reporta-se à nossa própria condição e às contradições do processo histórico ocidental, àquilo que sentimos como estranho e longínquo. São objetos que interromperam a sua vida ritual e que passaram a ser admirados enquanto mercadoria e obra de arte, num percurso marcado por assimetrias de poder, violência simbólica, comércio e apropriação. Mas também, contacto intercultural, arte, mestria técnica, tradição e inovação cultural.

The orientation of the supports is inverted – a subtle rotation that profoundly alters the perception of the masks on display. This temporary gesture highlights the front and back of each mask, and invites us to gaze at the supports – inspired by the "crystal easels" designed by the architect, Lina Bo Bardi –, and the captions that identify each of the forty objects.

Given their complexity and very different origins, broadly and inconclusively grouped under the epithet "Sub-Saharan Africa", these masks pose the problem of knowledge about such objects. They refer to complex rituals that must be kept secret, and that scientific knowledge (anthropology, art history, etc.) has difficulty in translating, due to the risk of simplification.

Under the veil of their harmonious "ecstasy", the masks on display are an anthropological mirror that, under the pretext of talking about "others", refers to our own condition and the contradictions of the western historical process, to that which we feel is strange and distant. They are objects that ceased to be used in their ritual contexts and began to be admired as merchandise and works of art, in a trajectory marked by asymmetries of power, symbolic violence, commerce and appropriation. But also, intercultural contact, art, technical mastery, tradition and cultural innovation.

Viver Juntos

Living Together

A montagem desta sala entrelaça um jogo de olhares entre os vários acervos: "artes africanas", "pré-colombianas", "artes antigas chinesas" e o trabalho de José de Guimarães. Ligados por fios invisíveis, os objetos parecem conversar entre si, independentemente de nós. Um fetiche africano aponta para um vaso pré-colombiano, um crânio imaginado por José de Guimarães contrapõe-se a um bronze da China antiga, estatuetas falam com pinturas, sem que o tempo as separe.

À medida que os objetos cruzam olhares entre si, tantas vezes independentes dos seus observadores, torna-se evidente que as narrativas são infinitas. "Como viver juntos?", perguntam estes objetos.

> "O fato de podermos compartilhar esse espaço [o mundo] não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, e não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos."
> Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2017-19

The assembly of this room explores an interplay of glances between the CIAJG's various collections: "African arts", "pre-Columbian", "ancient Chinese arts" and José de Guimarães' oeuvre. Linked by invisible threads, the objects seem to talk to each other independently of our presence. An African fetish points towards a pre-Columbian vase, a skull imagined by José de Guimarães contrasts with a bronze object from ancient China, statuettes speak with paintings, without time separating them.

As the objects gaze at each other, so often independent of their observers, it becomes evident that the associated narratives are infinite. The objects ask: "How should we live together?"

> "The fact that we can share this space [the world] does not mean we are the same; rather that we are capable of attracting one another through our differences, which should guide our life script. To harbour diversity, rather than a humanity with the same protocol. Because until now this was just a way to homogenise and remove our joy of being alive."
> Ailton Krenak, *Ideas to postpone the end of the world*, 2017-19

Vista de exposição
Sala 7
Viver Juntos

Exhibition View
Room 7
Living Together

©Vasco Célio / Stills

Doação de José de Guimarães à Câmara Municipal de Guimarães

Donation by José de Guimarães to the Guimarães City Council

Exposição patente
nas salas 4 e 6
até 28 abril
Exhibition in rooms 4
and 6 until 28 april

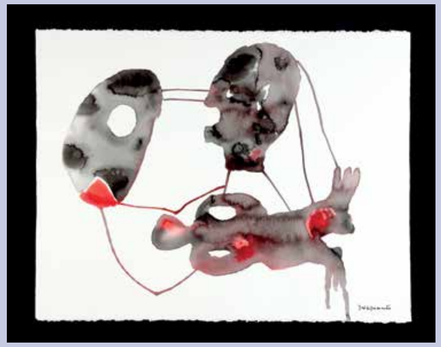
Apresenta-se uma seleção referente à doação de 98 peças ao Município, realizada por José de Guimarães este ano. O conjunto espelha um processo criativo peculiar que tem constituído uma espécie de assinatura na obra do artista: a exploração de outras genealogias e tradições artísticas para "desaprender" o seu treino ocidental. Neste sentido, a definição de "artista-colecionador" cabe como uma luva, e o seu universo compósito espelha a procura da fusão entre o que (lhe) é próprio e exógeno.

Conjunto complexo e desafiante, esta doação não assinala um destino, mas o início de uma nova vida, sendo da responsabilidade do CIAJG contar a(s) história(s) deste acervo, daqui em diante. Esse é um exercício que requer um outro compromisso, de âmbito institucional, para com as especificidades que aqui se colocam. Partindo da ideia de que esta coleção tem um poderoso efeito de espelho e que, sob o véu de falar dos outros, devolve o nosso rosto e contradições do processo histórico, podemos principiar por colocar perguntas. Que objetos são estes? Quais as suas inscrições culturais e vida desde a sua origem até hoje? Quais os sentidos que neles encontrou José de Guimarães? Que funções ocupam na nossa sociedade? Como refere o filósofo camaronês Achille Mbembe: "Depois de tantos anos de presença destes objetos nas suas instituições, será que a Europa terá finalmente aprendido a lidar com aquele(s) que ve(ê)m de fora, inclusive os de muito longe?".

Presents a selection of 98 works donated by José de Guimarães to the Municipality this year. The collection reflects a unique creative process, that has become a kind of signature his oeuvre: exploring other genealogies and artistic traditions in order to "unlearn" his Western training. The definition of "artist-collector" fits him like a glove. His hybrid universe mirrors his search for a fusion between his own production and exogenous works.

Given that this set of works is complex and challenging, this donation does not signal a final destination, but rather the start of a new life. The CIAJG henceforth has the responsibility to tell the story(s) of this collection. This exercise requires a heightened institutional commitment to the specific issues that arise in this context.

Starting from the idea that this collection has a powerful mirroring effect and that, under the veil of speaking about others, it reveals our own face and the contradictions of the historical process, we can start by asking certain questions: What are these objects? What are their cultural inscriptions and life, from their origin until the present day? What meanings did José de Guimarães encounter therein? What functions do they fulfil in our society? As the Cameroonian philosopher Achille Mbembe puts it: "After so many years of the presence of these objects in its institutions, has Europe finally learnt to deal with what comes from those from the outside, including those from very far away?".



Mapeamento das Paredes da Cidade de Lisboa, 1975

Mapping the Walls of the City of Lisbon, 1975.

Exposição patente
na sala 8
até 28 abril
Exhibition in room 8
until 28 april

25TH · 50 YEARS APRIL · 50 ANOS 25 ABRIL

Quando regressei de Angola em novembro de 1974, já tinha acontecido o 25 de Abril e o ambiente que se vivia nas ruas de Lisboa era exaltante. As manifestações de grupos e forças políticas eram visíveis por todo o lado. Porém o que de mais original aconteceu foram as pinturas murais e graffitis que verdadeiramente decoravam a cidade dando-lhe um tom festivo e vibrante. Lisboa revestiu-se duma escrita mural que mostrava bem a exaltação dos momentos que se sucederam após aquela data.

Cartazes revolucionários uns, slogans com algum humor outros, realizados quer em paredes libertas, uns do MRPP, do MES, do PCP, que anunciavam comícios ou simplesmente anunciando a revolução como o do PRD-BR. Sendo alguns deles "plasticamente" inovadores, seguindo "estilos" que foram usados internacionalmente em ocasiões semelhantes. Esta oportunidade permitiu-me realizar uma abundante documentação fotográfica que tem sido mostrada em ocasiões, como a que agora se apresenta.

Cito algumas frases retiradas da estátua de D. João I, situada na Praça da Figueira, em Lisboa:
"Garmendia Otaegui libertada"
"Libertação dos anti-fascistas"
"Salvem a vida dos revolucionários"
"Abaixo os organismos de Cúpula, vivam os orgasmos de Cópula (A)"
"Não permitamos o processo fascista"
"Boicote activo às eleições"
"Fim à repressão em Espanha e ao povo espanhol", etc.

José de Guimarães
Lisboa, janeiro de 2024
Por ocasião do 50º aniversário da Revolução dos Cravos.

José de Guimarães,
1975

José de Guimarães,
1975

Colaboração Artística > Artistic Collaboration
Arco Ignis, Guimarães

When I returned from Angola, in November 1974, the 25 April Revolution had already occurred and the streets of Lisbon were filled with excitement. There were demonstrations by political groups and forces everywhere. The most original dimension were the murals and graffiti that decorated the city, endowing it with a festive and vibrant atmosphere. Lisbon was covered in mural writing that reflected the exaltation unleashed by the revolution.

Some were revolutionary posters, others were humorous slogans, affixed on empty walls, some were produced by the MRPP, MES, PCP, announcing rallies, others announced the revolution itself, like the poster created by the PRD-BR. Some were "plastically" innovative, following "styles" used internationally on similar occasions. This gave me the opportunity to produce an abundance of photographic documentation that has been shown on occasions, such as the one presented here.

I quote a few phrases scrawled on the statue of King João I, in Lisbon's Praça da Figueira:
"Garmendia Otaegui has been freed"
"Free the anti-fascists"
"Save the lives of the revolutionaries"
"Down with the organisms of the Cúpula (upper echelons), long live the orgasms of Copulation (A)"
"We won't permit the fascist process"
"Active boycott of the elections"
"End repression in Spain and of the Spanish people", etc.

José de Guimarães
Lisbon, January 2024
On the occasion of the 50th anniversary of the Carnation Revolution.

Dayana Cifra Lucas

Exposição
patente
até 28 abril
Exhibition
until 28 april

Era nas vísceras de animais, que os Antigos comunicavam com os Deuses. A palavra para essa arte da decifração era, em latim, "haruspício", que significa a inspeção das entranhas ou a revelação do que *não se dá de imediato.* A realidade como abismo, labirinto ou dobra constitui a perceção moderna da nossa existência. O "claro enigma" da linguagem, como lhe chamou Drummond de Andrade.

Entre opacidade e transparência, entre o visível e o invisível, percorrendo as nuances de um caminho de dois extremos, Dayana Lucas (n. em 1987 em Caracas; vive e trabalha no Porto) eleva ao ritual o ato de inscrever, grafar, desenhar. Existe um sentido iniciático no seu gesto, em que o desenho é como uma máquina de ver e de sentir. A invenção de uma linha que não acaba, em Dayana Lucas, problematiza não só o fecho do gesto, mas também os inícios do mesmo, já que a imaginação dá forma a um fio que começa sempre, sem as pontas do princípio e do fim – uma ideal suspensão da morte.

Diante do atual empobrecimento da linguagem, dos signos e mensagens planas, algoritmizáveis, esta é uma exposição que deixa clara a vontade de recuar diante do que já foi dito. Diríamos mesmo, que procura surrealizar ou gerar opacidades. A casa de vidro constitui-se como um centro desta exposição, um ponto nodal (in) decifrável onde habita o enigma. Sinónimo de proteção e de delicadeza em simultâneo, a casa de vidro pode significar estarmos nús em nós mesmos. É onde a artista torna visível a sua fragilidade (a sua força).

O conjunto de trabalhos e intervenções que se apresenta no CIAJG testemunham a passagem do desenho à forma tridimensional, a influência da música e das paisagens solitárias em Dayana Lucas. Quem visita esta exposição pode, assim, intuir essa trasmutação do desenho em escultura, em casa transparente, sem nenhuma mediação. Nós somos a casa. Não temos telhados de vidro.

Como a lembrança
de uma casa em
que se morou.
Não da casa
propriamente, mas
da posição da casa
dentro de si.
Clarice Lispector

Escada-escorrega, 2023
Ferro fundido
Cast Iron

Vista de exposição
Exhibition View
Hall
©Vasco Célio / Stills

Dayana Lucas (n. Caracas, 1987; vive e trabalha no Porto) desenvolve uma pesquisa prática na área do desenho com particular interesse na passagem para a escultura, recorrendo a diferentes materiais como betão, madeira ou metal. Trabalha também como designer na área da cultura, tendo colaborado com músicos, artistas plásticos e diversas instituições culturais portuguesas. Foi cofundadora da Oficina Arara, onde desenvolveu, até 2017, trabalho na área do design e da impressão com diversos meios manuais, e na organização de exposições, workshops e encontros com a comunidade artística do Porto. Colabora desde 2010 com o coletivo SOOPA e em 2019 criou o projeto ORINOCO, dedicado à edição de livros e outras edições de artista.

Entre as diferentes exposições individuais que realizou destacam-se "Um" na Wrong Weather Gallery (2018), Espírito Manual no Museu de Serralves (2018), "Pedra em Flor" no Sismógrafo (2019) e "Negro Secreto" na Galeria Lehmann + Silva (2019). Nos últimos anos participou também em diferentes exposições coletivas em espaços como o CIAJG - Centro Internacional das Artes José de Guimarães (Guimarães, Portugal); Bienal de Arte Contemporânea da Maia (Maia, Portugal); PORTA33 (Funchal, Portugal) e Sesc Pompéia (São Paulo, Brasil).

Dayana Lucas (b. Caracas, 1987; lives and works in Porto) develops practical research in the field of drawing, focusing on the transition to sculpture, using different materials such as concrete, wood and metal. She also works as a designer for cultural projects and has worked with musicians, visual artists and various Portuguese cultural institutions. She co-founded the Oficina Arara, where, until 2017, she worked in the field of design and printing, using various handcrafted media and organised exhibitions, workshops and meetings with Porto's artistic community. Since 2010, she has worked with the SOOPA collective and in 2019 created the ORINOCO project, dedicated to publishing books and other artist's publications.
Her solo exhibitions include "Um" (One) at the Wrong Weather Gallery (2018), "Manual Spirit" at the Serralves Museum (2018), "Pedra em Flor" (Blossoming Stone) at Sismógrafo (2019) and "Negro Secreto" (Secret Black) at the Lehmann + Silva Gallery (2019). In recent years she has also taken part in various group exhibition, at venues such as the CIAJG - José de Guimarães International Centre for the Arts (Guimarães, Portugal); Maia Contemporary Art Biennial (Maia, Portugal); PORTA33 (Funchal, Portugal) and Sesc Pompéia (São Paulo, Brazil).

Corpo-molusco, 2023
Barro negro, em colaboração com Carolina Garfo e Maria Carvalho / Arte da Terra. Paradela
Black clay, in collaboration with Carolina Garfo and Maria Carvalho / Arte da Terra. Paradela

Vista de exposição
Exhibition View
Hall
©Vasco Célio / Stills

Relógio, 2023
Desenho na parede, carvão
Drawing on the wall, charcoal

Casa do Tempo (Sítio-do-Lugar), 2023
Vidro
Glass

Vista de exposição
Exhibition View
Sala / Room 9
©Vasco Célio / Stills

Curadoria > Curator
Marta Mestre

Coprodução > Co-production
CIAJG e ArtWorks

The Ancients used the entrails of animals to communicate with the gods. The Latin term for this art of decipherment was "haruspice" - which means the inspection of entrails or the revelation of that which is *not immediately apparent*. The modern perception of our existence is based on reality as an abyss, labyrinth or fold - that which Drummond de Andrade called the "clear enigma" of language.

Between opacity and transparency, between the visible and the invisible, exploring the nuances of a path that has two extremes, Dayana Lucas (born in 1987 in Caracas; lives and works in Porto) elevates the act of inscribing, graphing, drawing to ritual. There is an initiatory dimension to her gesture, in which drawing is like a machine for seeing and feeling. The invention of a never-ending line, in Dayana Lucas' work, explores not only the closure of the gesture, but also its beginnings, since the imagination gives shape to a thread that is constantly starting over, without either beginning or end - an ideal suspension of death.

Faced with the current impoverishment of language, signs and flat, algorithmisable messages, this exhibition highlights the desire to retreat from that which has already been said. We could even say that it seeks to surrealise things. The heart of the exhibition is the glass house, an (in) decipherable nodal point that harbours enigma. Synonymous with protection and delicacy at the same time, the glass house can mean being naked within ourselves. It is where the artist makes her fragility (and her strength) visible.

The group of works and interventions on display at the CIAJG highlight the artist's transition from drawing to three-dimensional form, and how she has been influenced by music and solitary landscapes. Visitors to this exhibition can thereby sense the transformation of drawing into sculpture, into a transparent house, without any mediation. We are the house. We have no glass ceilings.

Like the memory
of a house you
once lived in.
Not the house
itself, but the
position of the
house within itself.
Clarice Lispector

Roka-mãe I, II, III, IV, V, VI,
2006–2020
Tinta de esmalte sobre tela
Enamel paint on canvas

Vista de exposição
Exhibition View
Sala / Room 11
©Vasco Célio / Stills

7 para 8, 2023
Serigrafia
Cortesia Galeria Lehman e Silva
Serigraphy
Courtesy Lehman and Silva Gallery

Vista de exposição
Exhibition View
Sala / Room 10
©Vasco Célio / Stills

Animal, 2023
Ferro recortado,
soldado e pintado
Cut, welded and
painted iron

Vista de exposição
Exhibition View
Sala / Room 10
©Vasco Célio / Stills

Terra

Pressing Land

Benji Boyadgian
Bisan Abu Eisheh
Emily Jacir
Jean-Luc Moulène
Larissa Sansour
Taysir Batniji
Ryuichi Hirokawa
Yazan Khalili

Exposição
patente
até 28 abril
Exhibition
until 28 april

Estreita

25TH · 50 ANOS 25 ABRIL · 50 YEARS APRIL

A terra é estreita para nós. Ela encurrala-nos no último
desfiladeiro e despojamo-nos dos nossos membros para passar.
A terra oprime-nos. Fôssemos nós o seu trigo, para morrer
e ressuscitar. Fosse ela a nossa mãe
para se compadecer de nós. Fôssemos nós as imagens
dos rochedos que o nosso sonho transportará,
como espelhos. Vimos os rostos daqueles que, na
derradeira defesa da alma, o último de nós matará.
Chorámos a festa dos seus filhos e vimos o rosto dos que
precipitarão os nossos filhos
pelas janelas deste último espaço. Espelhos que a nossa
estrela polirá.
Para onde iremos, passada a última fronteira? Para onde
voarão as aves, após o último
céu? Onde dormirão as plantas, após o último vento?
Escreveremos os nossos nomes com vapor
carmim, cortaremos a mão ao canto para que a nossa carne
o complete.
Aqui morreremos. Aqui, no último desfiladeiro. Aqui ou...
ali, e do nosso sangue nascerão oliveiras.

Mahmoud Darwish, "A terra é estreita para nós", 1986.

[in M Darwish, O Jardim Adormecido e outros poemas, trad. A. Martins, Porto, Flanêur, 2002.]

Benji Boyadgian

Benji Boyadgian (1983, Jerusalém, Palestina), vive e trabalha em Jerusalém. Estudou arquitetura na École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris La Villette, tendo-se especializado em sociologia urbana em áreas pós-conflito. É mestre pela California College of Arts de San Francisco, EUA, em 2017. Atualmente, ensina na International Art Academy Birzeit, em Ramala. Como artista, Boyadjian explora temas em torno da perceção, memória, território, arquitetura e paisagem. As suas exposições incluem «Little did they know», EVA international, Limerick, Irlanda, «For the phoenix to find its form in us», SAVVY Contemporary, Berlim (2021), «Phantom Limbs», Jameel Arts Center, Dubai, «Actual and possible», Al Ma'mal Foundation for Contemporary Art, Jerusalém (2018). Em 2015, recebeu o Prémio Ismail Shammout

Benji Boyadgian (1983, Jerusalém, Palestine) lives and works in Jerusalem. He studied architecture at ENSAPLV School of Architecture (École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris La Villette), specializing in urban sociology in post-conflict areas. He holds a master's degree from the California College of Arts in San Francisco, USA, in 2017. He teaches at the International Art Academy Birzeit in Ramallah.

As an artist, Boyadgian explores themes revolving around perception, memory, territory, architecture and landscape.

His exhibitions include "Little did they know", EVA international, Limerick, Ireland, "For the phoenix to find its form in us", SAVVY Contemporary, Berlin (2021), "Phantom Limbs", Jameel Arts Centre, Dubai, "Actual and possible", Al Ma'mal Foundation for Contemporary Art, Jerusalem (2018). In 2015, he was awarded with the Ismail Shammout Prize.

Variations on a Map
2017- em curso
Aguarela sobre papel
Cortesia do artista

«Variations on a Map é uma antologia de mapas da Palestina, de Israel, da Cisjordânia, de antigos reinos bíblicos, de uma província romana, da Grande Síria, de alguns sanjaks [províncias] otomanos, de uma colónia britânica, etc. Mapas do passado e do presente, uns especulativos, outros informativos e alguns que nunca existiram, nem existirão. Recolhidos na internet, estes mapas foram "submetidos" ao processo de um cartógrafo desorientado que mapeia as reproduções virtuais e as fantasmagorias que se projetam no território. Posteriormente, são copiados e documentados em miniatura e a aguarela; a informação é diluída, reduzida ao seu valor gráfico, considerada a natureza da técnica e do formato. Sem referência às suas origens, juntam-se ao mundo das representações» (Benji Boyadgian).

Variations on a Map
2017-on going
Watercolour on paper
Courtesy of the artist

«"Variations on a map" is an anthology of maps of Palestine, Israel, the West Bank, Biblical Kingdoms, a Roman province, Greater Syria, some Ottoman Sanjaks, a British Colony, etc… The same place represented many different places, some past, some present, some speculative, some informative and some that never were and never will be. The maps are collected from the web; the process of a disoriented cartographer mapping the virtual reproductions of the phantasmagorias projected onto this territory. Subsequently, those maps are copied and documented in form of miniature watercolors, information is diluted and further reduced to their graphical value, due to the nature of the medium and format. With no mention of their origins, they come together in the realm of representations» (Benji Boyadgian).

Bisan Abu Eisheh

Bisan Abu Eisheh (1985, Jerusalém, Palestina), vive e trabalha entre Londres e Jerusalém. Formado pela Academia Internacional de Arte da Palestina e pela Central Saint Martins, em Londres, 2014. O trabalho de Abu Eisheh foi exibido em importantes instituições e eventos artísticos, como o Palestinian Museum (2017); Moscow Museum of Modern Art (2016); Glasgow International (2016); Eva International Biennial (2014); ICA London (2013); ou a Istanbul Biennial (2011). Abu Eisheh foi também curador de uma série de eventos/programas internacionais. Foi residente do Programa de Residência Internacional Art OMI, Ghent, NY, EUA (2018); Culture + Conflict, Londres, Reino Unido (2016-17); Künstlerhaus Büchsenhausen International Fellowship Program for Art and Theory, Innsbruck, Áustria (2015).

Bisan Abu Eisheh (1985, Jerusalem, Palestine), lives and works between London and Jerusalem. Graduated from the International Academy of Palestinian Art and Central Saint Martin's, London, 2014.

Abu Eisheh's work has been exhibited at important institutions and art events, such as The Palestinian Museum (2017); Moscow Museum of Modern Art (2016); Glasgow International (2016); Eva International Biennial (2014); ICA London (2013); or the Istanbul Biennial (2011). Abu Eisheh has also curated a number of international events/programmes. He was a resident of the Art OMI International Residency Programme, Ghent, NY, USA (2018); Culture + Conflict, London, UK (2016-17); Künstlerhaus Büchsenhausen International Fellowship Programme for Art and Theory, Innsbruck, Austria (2015).

Les Prairies
Les Ateliers
de Rennes
2012-10

Playing House / Bayt Byoot
2008-11
50 objetos, 10 mapas com alfinetes e vídeo 9'05"
Coleção Teixeira de Freitas

Restos da demolição de casas e de todo o tipo de construções palestinas pelas autoridades na zona de Jerusalém, como peças disponíveis para qualquer tipo de jogo.

Playing House / Bayt Byoot
2008-2011
50 objects, 10 maps with pins and video, 9'05''
Teixeira de Freitas collection

Remains of the demolition of houses and all kinds of Palestinian buildings by the authorities in the Jerusalem area, like pieces available for any kind of game.

Curadoria > Curator
(un)common ground

Coprodução > Co-production
A Oficina/CIAJG e (un)common ground

Apoio > Support
República Portuguesa, DGArtes e RTP2

Emily Jacir

Emily Jacir (1973, Belém), vive e trabalha entre Nova Iorque e Ramala. É formada no College of Art da Universidade de Dallas, Memphis. Ensina na Academia Internacional de Arte Palestina desde 2006. É fundadora e atual diretora do Dar Yusuf Nasri Jacir para Arte e Pesquisa, na casa da família em Belém, que serve tanto como centro comunitário quanto como espaço de arte contemporânea. O seu trabalho mobiliza a fotografia, o filme, o vídeo, a instalação, o som, a performance e a escrita. Tematicamente, percorre os temas da do exílio, resistência e intervenção social, tendo como pano de fundo a realidade palestina. Recebeu numerosos prémios de prestígio, incluindo um Leão de Ouro na 52ª Bienal de Veneza (2007); o Prémio Prince Claus do Prince Claus Fund em Haia (2007); o Prémio Hugo Boss no Museu Guggenheim (2008); entre outros. As suas recentes exposições individuais incluem Alexander and Bonin, Nova Iorque (2018); IMMA (Irish Museum of Modern Art), Dublin (2016-17); Whitechapel Gallery, Londres (2015); e Guggenheim Museum, Nova Iorque (2009). O seu trabalho tem sido regularmente apresentado em grandes exposições coletivas internacionais, incluindo no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque; no Museu de Arte Moderna de São Francisco; e na DOCUMENTA 13 (2012).

Emily Jacir (1973, Bethlehem), lives and works between New York and Ramallah. She graduated from the College of Art at the University of Dallas, Memphis. She has been teaching at the International Academy of Palestinian Art since 2006. She is the founder and current director of the Dar Yusuf Nasri Jacir for Art and Research, in her family home in Bethlehem, which serves as both a community centre and a contemporary art space.

Her work uses photography, film, video, installation, performance, writing and sound. Her work focuses on the themes of exile, resistance and social intervention against the backdrop of Palestine.

She was awarded numerous and prestigious awards, such as a Golden Lion at the 52nd Venice Biennale (2007); the Prince Claus Prize of the Prince Claus Fund at the Hague; the Hugo Boss Prize of the Guggenheim Museum (2008), among others. She has exhibited regularly in Europe, the Americas and the Middle East since 1994, and has had solo shows in New York, Los Angeles, Ramallah, Beirut, London and Linz. He has worked with organizations such as the A. M. Qattan Foundation, the Al Ma'mal Foundation for Contemporary Art and the Sakakini Cultural Centre.

Where We Come From
2001-03
Impressões cromogénicas e vídeo
Coleção Teixeira de Freitas

Where We Come From, um dos mais emblemáticos trabalhos de Jacir, inclui trinta pares de fotografias e textos, bem como um vídeo. Este conjunto regista os esforços de Emily Jacir para concretizar os pedidos pessoais de palestinos que vivem em todo o mundo. Muitos dos participantes no projeto foram proibidos de regressar à sua terra natal ou de deixar as suas casas e circular livremente no seu país, na região e fora dela. Jacir colocou a mesma questão a estes indivíduos: «Se eu pudesse fazer alguma coisa por si, em qualquer lugar da Palestina, o que seria?». Cada fotografia e texto (que aparece tanto em árabe como em inglês) documenta a resposta de cada pessoa à pergunta, bem como os esforços de Jacir para satisfazer o pedido. Usando o seu passaporte americano para atravessar as fronteiras que demarcam a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e Israel, Jacir satisfez desejos que vão desde os práticos (levar roupa e presentes aos membros da família) aos caprichosos (regar uma árvore numa aldeia).

Where We Come From
2001-03
C-print and video
Teixeira de Freitas collection

Where We Come From is one of the most emblematic works of Jacil, which comprises thirty pairings of photographs and texts as well as a video. This ensemble records Emily Jacir's efforts to realize the personal requests of Palestinians living around the world. Many of the participants in the project were prohibited either from returning to their homeland or from leaving their homes and moving freely throughout their country, the region, and beyond. Jacir posed the same question to these individuals: "If I could do anything for you, anywhere in Palestine, what would it be?" Each photograph and text (which appears in both Arabic and English) documents a single person's response to the question, as well as Jacir's efforts to satisfy the request. Using her American passport to move across borders demarcating the Gaza Strip, the West Bank, and Israel, Jacir fulfilled desires ranging from the practical (bringing clothes and gifts to family members) to the whimsical (water a tree in a village).

Jean-Luc Moulène

Jean-Luc Moulène (1955, Reims, França), vive e trabalha em Saint Langis-lès-Mortagne, França. Moulène é um dos artistas mais conceituados trabalhando com fotografia. Entre as instituições que dedicaram exposições individuais ao seu trabalho contam-se o Sculpture Center, Nova Iorque (2019); Villa Medici, Roma (2015); Kunstverein Hannover (2014); Dia, Beacon, Nova Iorque (2012); Carré d'art-Musée d'art contemporain, Nîmes (2009); Culturgest, Lisboa (2007); Musée du Louvre, Paris (2005), entre outras. Participou em importantes exposições coletivas internacionais, como a Bienal de Veneza (2019, 2003), a Bienal de Taipé (2016, 2004), a Bienal de Sharjah (2010), a Bienal de São Paulo (2002) e a Documenta X (1997). A obra de Moulène integra as coleções do MoMA, Nova Iorque; Tate, Londres; Museum of Contemporary Art, Los Angeles; Pinault Collection, Paris; Dia Art Foundation, Nova Iorque; Walker Art Center, Minneapolis; Musée de l'art moderne de la ville de Paris; Kadist Art Foundation, Paris; Musée d'Art Moderne et Contemporain, Estrasburgo; Centre National des Arts Plastiques, Paris, entre outras. As exposições individuais mais recentes de Moulène incluem Técnico Libertário, Casa São Roque Centro de Arte, Porto, Portugal (2021-22).

Jean-Luc Moulène (1955, Reims, France) lives and works in Saint Langis-lès-Mortagne, France.

Moulène is one of the most renowned artists working with photography.

Among the institutions that have dedicated solo exhibitions to his work are Sculpture Center, New York (2019); Villa Medici, Rome (2015); Kunstverein Hannover (2014); Dia, Beacon, New York (2012); Carré d'art-Musée d'art contemporain, Nîmes (2009); Culturgest, Lisbon (2007); Musée du Louvre, Paris (2005) among others. He participated in major international group shows such as the Venice Biennial (2019, 2003), the Taipei Biennial (2016, 2004), the Sharjah Biennial (2010), the São Paulo Biennial (2002), and Documenta X (1997). Moulène's work is held in the collections of the MoMA, New York; Tate, London; Museum of Contemporary Art, Los Angeles; Pinault Collection, Paris; Dia Art Foundation, New York; Walker Art Center, Minneapolis; Musée de l'art moderne de la ville de Paris; Kadist Art Foundation, Paris; Musée d'Art Moderne et Contemporain, Strasbourg; and Centre National des Arts Plastiques, Paris, among others. Moulène's most recent solo exhibitions include, Técnico Libertário, Casa São Roque Centro de Arte, Porto, Portugal (2021-22).

Palestinian Products
2007
Cibachrome
Coleção Teixeira de Freitas

«O que é um produto palestino? Para alguns, esses produtos não existem. Então tivemos que procurá-los, importá-los. Procurei divulgá-los adequadamente. Tratava-se de dar valor a coisas totalmente negadas. [...] Os objetos foram fotografados aos pares de forma a criar na composição um efeito de partilha ou conflito. Estas diferentes formas de duelos remetem para paisagens mentais. A forma de fotografar fez-me inventar estratégias publicitárias conflituosas. Porém, a noção de valor não era o objetivo deste trabalho. Não existe um catálogo de produtos da Palestina» (Jean-Luc Moulène).

Palestinian Products
2007
Cibachrome
Teixeira de Freitas collection

"What is a Palestinian product? For some, these products don't exist. So we had to look for them, import them. I tried to publicize them properly. It was about giving value to things that were totally denied. [...] The objects were photographed in pairs in order to create an effect of sharing or conflict in the composition. These different forms of duelling refer to mental landscapes. The way of photographing made me invent conflicting advertising strategies. However, the notion of value was not the aim of this work. There is no catalogue of products from Palestine" (Jean-Luc Moulène).

Larissa Sansour

Larissa Sansour (1973, Jerusalém, Palestina), vive e trabalha em Londres, Reino Unido. Estudou artes visuais em Londres, Nova Iorque e Copenhaga.

A dialética entre o mito, a ficção e a narrativa histórica é central no seu trabalho. Nos seus trabalhos mais recentes utiliza a ficção científica para abordar questões sociais e políticas. Além do filme, a artista também produz instalações, fotografias e esculturas.

O trabalho de Sansour tem sido exibido em festivais de cinema e museus de todo o mundo. Em 2019, representou a Dinamarca na 58ª Bienal de Veneza. Em 2020, foi a co-vencedora do prestigiado Prémio Jarman (Reino Unido). O seu trabalho teve apresentação na Tate Modern, no MoMA e no Centre Pompidou. Exposições individuais recentes incluem a Whitworth Gallery em Manchester, a KINDL em Berlim, a Copenhagen Contemporary na Dinamarca, o Museu de Arte Contemporânea de Gifu no Japão e a EMST em Atenas.

Larissa Sansour (1973, East Jerusalem, Palestine), currently lives and works in London, UK. Sansour studied fine arts in London, New York and Copenhagen.

Central to her work is the dialectics between myth, fiction and historical narrative. In her recent works, she uses science fiction to address social and political issues. Working mainly with film, Sansour also produces installations, photos and sculptures.

Sansour's work is shown in film festivals and museums worldwide. In 2019, she represented Denmark at the 58th Venice Biennial. In 2020, she was the shared recipient of the prestigious Jarman Award (UK). She has shown her work at Tate Modern, MoMA and Centre Pompidou. Recent solo exhibitions include Whitworth Gallery in Manchester, KINDL in Berlin, Copenhagen Contemporary in Denmark, Gifu Museum of Contemporary Art in Japan and EMST in Athens.

Nation Estate
2012
Filme, cinemascope, som, cor, 9'
Cortesia da artista

Nation Estate é um filme de ficção científica sobre um futuro distópico e a situação de impasse que se vive no Médio Oriente. Combinando uma mistura de imagens geradas por computador, com atores autênticos, cenários e música árabe eletrónica, Nation Estate [Condomínio Nação] explora uma solução imaginária para a formação do Estado palestino. No filme, sob a forma de um condomínio fechado, os palestinos têm o seu Estado-nação. Um arranha-céus colossal abriga, por fim, toda a população palestina, agora a viver à grande. Cada andar do edifício tem a sua própria cidade. No 13º andar está Jerusalém; no 14º, Ramala; Belém está no 21º, e assim por diante. As viagens, anteriormente sujeitas a checkpoints, agora efetuam-se sem atrito através do elevador. Em cada andar, reencenam-se praças e pontos de referência culturais.

Nation Estate
2012
Film, cinemascope, sound, colour, 9'
Courtesy of the artist

Nation Estate is a 9-minute sci-fi short film offering a clinically dystopian, yet humorous approach to the deadlock in the Middle East. With a mixture of computer generated imagery, live actors and arabesque electronica, Nation Estate explores a vertical solution to Palestinian statehood. In Sansour's film, Palestinians have their state in the form of a single skyscraper: the Nation Estate. One colossal high-rise houses the entire Palestinian population – now finally living the high life. Each city has its own floor: Jerusalem on the 13th floor, Ramallah on the 14th floor, Sansour's native Bethlehem on the 21st and so on. Intercity trips previously marred by checkpoints are now made by elevator. Aiming for a sense of belonging, the lobby of each floor reenacts iconic squares and landmarks.

Ryuichi Hirokawa

Ryuichi Hirokawa (1943, República Popular da China). Formado pela Universidade Waseda, de Tóquio, em 1967. Rumou a Israel em 1967, atraído pelo programa comunitário dos kibutzim. Tem dedicado o seu trabalho de fotojornalismo (no qual se inclui o filme e a montagem cinematográfica) ao Médio Oriente, mas também Ucrânia, Afeganistão, entre outros. As fotografias que documentam o massacre de Sabra e Chatila, de 1982, tornaram-no conhecido em todo o mundo.

O seu trabalho tem recebido inúmeros prémios e reconhecimento mundial entre os quais o Grande Prémio Yomiuri de Fotografia (1982), pelas suas fotos da guerra do Líbano e do massacre de Beirute, ou o Prémio Kodan-sha Publishers (1989), pelas reportagens sobre os acidentes nas centrais nucleares de Chernobyl e Three Mile Island.

Ryuichi Hirokawa (1943, People 's Republic of China). Graduated from Waseda University in Tokyo in 1967.

He came to Israel in 1967, attracted by the kibbutzim community programme. He has dedicated his photojournalism work (which includes film and film editing) to the Middle East, but also Ukraine, Afghanistan, among others. His photographs documenting the 1982 Sabra and Chatila massacre made him known all over the world.

His work has received numerous awards and worldwide recognition the Yomiuri Grand Prize for Photography (1982) for his photos of the Lebanon war and the Beirut massacre; the Kodan-sha Publishers Award (1989) for his reports on the accidents at the Chernobyl and Three Mile Island nuclear power stations.

Villages and Families
A partir dos anos 1970
Fotografias, impressões jato de tinta
Cortesia do artista

Quando viveu em Israel, na década de 1970, Hirokawa encontrou, pela primeira vez, ruínas de aldeias palestinas. Tendo questionado os seus parceiros do kibutz sobre o que eram essas ruínas, ficou sem resposta. A partir deste momento começou a explorar e investigar as ruínas, o que lhe permite aceder a uma outra compreensão da história e da situação palestina. Durante anos, passou a rastrear as ruínas de aldeias, descobrindo-as uma a uma, e a estudar o que havia acontecido em cada uma delas. Um amigo judeu ajudou-o a seguir o rasto das antigas aldeias, comparando mapas históricos e contemporâneos. Nos campos de refugiados, procurou as famílias. Demorou 30 anos a completar um documentário sobre as aldeias palestinas, cobrindo quase 500 histórias de aldeias.

Villages and Families
Villages and Families
After 1970s
Photographs, inkjet prints
Courtesy of the artist

Hirokawa first encountered ruins of Palestinian villages when he lived in Israel during the 1970s. He asked people what these ruins he found next to a kibbutz were but no one answered. Following that, he began to explore and research the ruins further and learned about the history and plight of the Palestinian. He spent years tracking down the ruins of villages, finding them one by one, and then studying what had happened in each. A Jewish friend helped him to track down the old villages by comparing contemporary and historical maps. He searched for people in refugee camps. It took him 30 years to complete a documentary about the Palestinian villages, almost 500 villages' stories.

Taysir Batniji

Taysir Batniji (1966, Gaza, Palestina), vive e trabalha entre França e Palestina. Estudou Belas Artes na Universidade Al Najah em Nablus, Palestina, e na Escola de Artes em Bourges, França. Nos últimos anos, realizou exposições individuais nos Rencontres Internationales de la Photographie, Arles (2018); e Witte de With Center for Contemporary Art, Roterdão (2004), entre outros.

O seu trabalho foi apresentado nas seguintes exposições coletivas: Boghossian Foundation, Bruxelas (2018); Mulhouse Art Center, Mulhouse (2017); Württembergischer Kunstverein Stuttgart (2017); Valencia Institute of Modern Art, Valência (2016); e Centre Pompidou, Paris (2014), e integra colecções tais como o Centre Georges Pompidou, Paris, Victoria & Albert Museum, Londres, e Kunsthalle Wien, Viena, entre outras. Participou na Bienal de Veneza em 2011, 2009 e 2003.

Taysir Batniji (1966, Gaza, Palestine), lives and works between France and Palestine. He studied Fine Arts at Al Najah University in Nablus, Palestine and at the School of Arts in Bourges, France. In recent years, she has had solo exhibitions at Les Rencontres Internationales de la Photographie, Arles (2018); and Witte de With Centre for Contemporary Art, Rotterdam (2004), among others.

His work has been shown in the following group exhibitions: Boghossian Foundation, Brussels (2018); Mulhouse Art Center, Mulhouse (2017); Württembergischer Kunstverein Stuttgart (2017); Valencia Institute of Modern Art, Valencia (2016); and Centre Pompidou, Paris (2014), and is part of collections such as the Centre Georges Pompidou, Paris, Victoria & Albert Museum, London, and Kunsthalle Wien, Vienna, among others. He took part in the Venice Biennale in 2011, 2009 and 2003.

Gaza journal intime
2021
Vídeo, 4/3, som, 4'56''
Cortesia do artista

Combinando imagens de interiores e de rua numa montagem descontínua de planos fixos só com o som em contínuo, sincopado, como o disparo de um obturador, com curtas sequências, primeiros planos de uma faca a despedaçar carne, este diário pessoal redigido por Taysir Batniji, em Gaza, durante os primeiros meses da 2ª Intifada (2000), salienta o corte (formal e político) que entretanto ocorreu. Assim como em todo o seu trabalho, Gaza journal intime cruza a história subjetiva e íntima, mas também da história da Palestina.

Gaza journal intime
2021
Video, 4/3, sound, 4'56''
Courtesy of the artist

Combining interior and street images in a discontinuous montage of fixed shots with only continuous, syncopated sound, like the firing of a shutter, with short sequences, close-ups of a knife tearing flesh, this personal diary written by Taysir Batniji in Gaza during the first months of the 2nd Intifada (2000) emphasizes the cut (formal and political) that has taken place in the meantime. As with all his work, Gaza journal intime crosses subjective and intimate history, but also the history of Palestine.

Yazan Khalili

Yazan Khalili (1981, nasceu na Síria, de ascendência palestina), vive e trabalha entre Ramala e Amesterdão. Khalili licenciou-se em arquitetura na Universidade de Birzeit em 2003 e, em 2010, obteve o seu mestrado no Centro de Arquitetura de Investigação do Goldsmiths College, Universidade de Londres.

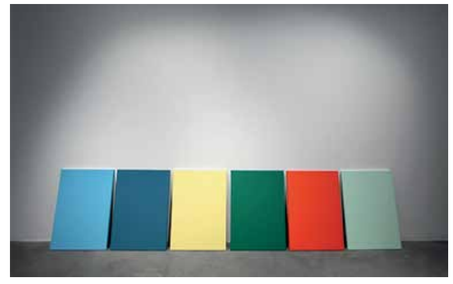
É arquiteto, artista plástico e ativista.

Os seus trabalhos foram exibidos em várias exposições importantes, incluindo, entre outras: New Photography, MoMA 2018, Jerusalem Lives, Museu Palestiniano, 2017, Post-Peace, Kunstverein Stuttgart 2017, Bienal de Xangai 2016, Bienal de Sharjah 2013.

Yazan Khalili (born in Syria in 1981, of Palestinian descent), lives and works between Ramallah and Amsterdam. Khalili graduated in architecture from Birzeit University in 2003 and, in 2010, obtained his master's degree from the Centre for Research Architecture at Goldsmiths College, University of London, and in 2015 his master's degree from the Sandberg Institute, Rietveld Academy, Amsterdam.

He is an architect, visual artist and activist.

His work has been shown in several important exhibitions, including, among others: New Photography, MoMA 2018, Jerusalem Lives, Palestinian Museum, 2017, Post-Peace, Kunstverein Stuttgart 2017, Shanghai Biennale 2016, Sharjah Biennale 2013.



Apartheid Monochromes
2017
Acrílico sobre tela
Cortesia do artista

Apartheid Monochromes é um poderoso comentário sobre o controlo da população palestina pelo Estado de Israel, através de uma forma aparentemente anódina, que evoca o uso abstrato da cor pelo minimalismo, movimento artístico que surge nos EUA, nos anos 50.
Introduzidos por Israel em 1949, os documentos de identificação são classificados em diferentes cores que dependem da identidade do seu titular – ela própria baseada num conjunto complexo de regras em torno do local de nascimento e/ou residência.

Apartheid Monochromes
2017
Acrylic on canvas
Courtesy of the artist

Apartheid Monochromes is a powerful commentary on the control of the Palestinian population by the State of Israel, through an apparently anodyne form that evokes the abstract use of colour by Minimalism, an artistic movement that emerged in the USA in the 50s.
Introduced by Israel in 1949, identification documents are classified into different colours that depend on the identity of their holder - itself based on a complex set of rules around place of birth and/or residence.

›

CENTRO INTERNACIONAL DAS ARTES JOSÉ DE GUIMARÃES (CIAJG)

Horário de funcionamento
terça a sexta
10h00 - 17h00
(últimas entradas às 16h30)
sábado e domingo
11h00 - 18h00
(últimas entradas às 17h30)

Tarifário
4 eur/ 3 eur c/d
Preços com desconto (c/d)
Cartão Jovem, Menores de 30 anos, Estudantes, Cartão Municipal de Idoso, Reformados, Maiores de 65 anos, Cartão Municipal das Pessoas com Deficiência, Deficientes e Acompanhante, Cartão Quadrilátero Cultural desconto 50%
Entrada Gratuita
crianças até 12 anos,
domingos de manhã (11h00 às 14h00)

›

JOSÉ DE GUIMARÃES INTERNATIONAL ARTS CENTRE (CIAJG)

Opening hours
tuesday to friday
10.00am-5.00pm (last visits 4.30pm)
saturday and sunday
11.00am-6.00pm (last visits 5.30pm)

Tariffs
4 eur/ 3 eur*
*Holders of the Cartão Jovem, Under 30 years, Students, Holders of the Cartão Municipal de Idoso, Reformados (Senior and Pensioner's Card), Over 65 years, Handicapped patrons and the person accompanying them, Cartão Quadrilátero Cultural 50% discount
Free Entrance
children until 12 years old,
sunday morning (11.00 am to 2.00 pm)

›
Av. Conde Margaride, 175
4810-535 Guimarães
Tel. (+351) 253 424 715
geral@ciajg.pt

www.ciajg.pt

A OFICINA

Direção
Management Board
Presidente > *President*
Câmara Municipal de Guimarães
Vice-Presidente > *Vice-President*
Círculo de Arte e Recreio
Tesoureiro > *Treasurer*
Jaime Marques
Secretário > *Secretary*
Casa do Povo de Fermentões
Vogal > *Member*
Muralha Associação de Guimarães para a Defesa do Património

Assembleia Geral
General Meeting's Board
Presidente > *President*
Câmara Municipal de Guimarães
Vice-Presidente > *Vice-President*
Manuel Ferreira
Secretário > *Secretary*
Associação de Reformados e Pensionistas de Guimarães

Conselho Fiscal
Statutory Audit Committee
Presidente > *President*
Câmara Municipal de Guimarães
Vogal > *Member*
Taipas Turitermas, CIPRL
Vogal > *Member*
Maria Alexandra Ferreira Xavier

Direção Executiva > *Executive Direction*
Hugo Tavares de Freitas
Assistente de Direção > *Assistant Director*
Anabela Portilha
Direção Artística CCVF e Artes Performativas > *CCVF and Performing Arts Artistic Direction*
Rui Torrinha
Direção Artística CDMG e Artes Tradicionais > *CDMG and Traditional Arts Artistic Direction*
Catarina Pereira
Inês Oliveira, Teresa Machado (Gestão do Património > *Heritage Management*)
Direção Artística CIAJG e Artes Visuais > *CIAJG and Visual Arts Artistic Direction*
Marta Mestre
Direção Artística Teatro Oficina > *Teatro Oficina Artistic Direction*
Mickaël de Oliveira
(Direção Artística Convidada 2023-2024 > *Guest Artistic Director 2023-2024*)
Programação Guimarães Jazz e Curadoria Palácio Vila Flor > *Guimarães Jazz Programming and Palácio Vila Flor Curator*
Ivo Martins
Assistente de Direção Artística > *Artistic Director Assistant*
Cláudia Fontes
Assistente de Direção Artística CCVF e Artes Performativas > *CCVF and Performing Arts Artistic Director Assistant*
Paulo Dumas
Educação e Mediação Cultural > *Education and Cultural Mediation*
Francisco Neves (Direção > *Director*), Ana Catarina Aidos, João Lopes, Marisa Moreira, Marta Silva
Produção > *Production*
Susana Pinheiro (Direção > *Director*), Ana Sousa, Andreia Abreu, Andreia Novais, Hugo Dias, Nuno Ribeiro, Rui Afonso, Rui Salazar, Sofia Leite
Técnica > *Technical Staff*
Carlos Ribeiro (Direção > *Director*), Ana Fernandes (Direção de Cena > *Stage Manager*), Diogo Teixeira, João Castro, João Guimarães, João Diogo, João Oliveira, Ricardo Santos, Rui Eduardo Gonçalves, Sérgio Sá
Serviços Administrativos e Financeiros > *Administrative and Financial Services*
Helena Pereira (Direção > *Director*), Ana Carneiro, Carla Inácio, Liliana Pina, Marta Miranda, Pedro Pereira, Sónia Sousa, Susana Costa
Relações Públicas, Financiamentos e Mecenato > *Public Relations, Funding and Cultural Patronage*
Sérgio Sousa (Direção > *Director*), Andreia Martins, Jocélia Gomes, Josefa Cunha, Manuela Marques, Ricardo Lopes, Sylvie Simões (Atendimento ao Público > *Public Attendance*)
Instalações > *Facilities*
Luís Antero Silva (Direção > *Director*), Joaquim Mendes, Rui Gonçalves (Assistentes > *Assistants*), Jacinto Cunha, José Machado (Manutenção e Logística > *Maintainence and Logistics*), Amélia Pereira, Carla Matos, Conceição Leite, Conceição Oliveira, Josefa Gonçalves, Maria de Fátima Faria, Rosa Fernandes, Sónia Alves (Manutenção e Limpeza > *Maintainence and Cleaning*)
Comunicação > *Communication*
Marta Ferreira (Direção > *Director*), Bruno Borges Barreto (Assessoria de Imprensa > *Press Office*), Carlos Rego (Distribuição > *Distribution*), Pedro Magalhães, Rui Costa (Comunicação Digital > *Digital Communication*), Eduarda Fontes, Susana Sousa (Design)

JORNAL EXPOSIÇÃO
EXHIBITION JOURNAL

FICHA TÉCNICA > TECHNICAL CREDITS
Uma edição de
An edition by
A Oficina CIPRL
Centro Internacional das Artes José de Guimarães > José de Guimarães International Arts Centre
Conceção Editorial >*Editorial Concept*
Marta Mestre
Textos > *Texts*
Marta Mestre
(un)common ground
Produção >*Production*
Ana Sousa
Design Editorial >*Editorial Design*
Susana Sousa
Tradução >*Translation*
Martin Dale

EXPOSIÇÕES
EXHIBITIONS

CIAJG
FICHA TÉCNICA > TECHNICAL CREDITS
Direção Artística > *Artistic Director*
Marta Mestre
Curadorias > *Curators*
Marta Mestre
(un)common ground
Produção > *Production*
Susana Pinheiro (Direção > Director)
Ana Sousa
Gestão de Património > *Heritage Management*
Inês Oliveira
Instalações > *Facilities*
Luís Antero (Direção > Director)
Joaquim Mendes, Rui Gonçalves (Assistentes > Assistance)
José Machado (Manutenção e Logística > Maintenance and Logistics)
Maria de Fátima Faria, Josefa Gonçalves, Carla Matos, Sónia Alves (Manutenção e Limpeza > Maintenance and Cleaning)
Técnica > *Technical Staff*
Carlos Ribeiro (Direção > Director)
Sérgio Sá (Audiovisuais > Audiovisual)
Diogo Teixeira, Ricardo Santos (Luz > Lighting)
Equipa de Montagens > *Assembly Team*
Miguel Marques, Luís Rocha
Eletricista > *Electrician*
Torcato Ribeiro
Infografia e Design Gráfico > *Infographics and Graphic Design*
Susana Sousa
Tradução > *Translation*
Martin Dale
Educação e Mediação Cultural > *Education and Cultural Service*
Francisco Neves (Direção > *Director*)
João Lopes, Marta Silva (equipa EMC)
Diana Geiroto, José Silva, Luísa Abreu, Patrícia Geraldes, Teresa Arêde (monitores)

Agradecimentos Dayana Lucas > *Thanks*
Mário Silva, Cláudia Carrasqueira, Carolina Garfo e Maria Carvalho (Arte da Terra), Sérgio Couto. À ArtWorks: José Miguel Pinto, Francisca Barros, Alexandre Mota, Valentin Neves, Carlos Arteiro, Ana Maria Trabulo, Bruno Lança, Bernardo Bordalo e Álvaro Oliveira.

Agradecimentos CIAJG > *Thanks*
Atelier José de Guimarães, a todos os artistas, colecionadores e instituições > To José de Guimarães Atelier, all artists, collectors and institutions

(UN)COMMON GROUND
FICHA TÉCNICA > TECHNICAL CREDITS
Curadoria
João Francisco Figueira (coord.), Marlene Monteiro Freitas, Miguel Figueira, Vítor Silva
Arquitetura
João Francisco Figueira, Miguel Figueira
História
Fernando Fernandes
Traduções
Vítor Silva, Fátima Martins
Revisões
João Francisco Figueira, Vítor Silva, Fátima Martins
Design
Patrícia Cativo
Webdesign e spot tv
Hugo Vale Pereira
Legendagem
Henrique Brazão
Produção
Carol Goulart, Soraia Gonçalves
Comunicação
Margarida Oliveira

Agradecimentos > *Thanks* CIAJG e/and (un) common ground
Coleção Teixeira de Freitas > Teixeira de Freitas Collection

Organização › Organization
A Oficina

Financiamento › Funded by
A Oficina
MUNICÍPIO DE GUIMARÃES
REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Apoio › Support
A Oficina

Coprodução › Co-production
"Cifra"
CIAJG centro internacional das artes josé de guimarães
artworks

Coprodução › Co-production
"Terra Estreita"
CIAJG centro internacional das artes josé de guimarães
unground.pt un common ground

Apoios › Support
(un)common ground
REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES
RTP 2